

Explorando o paradigma verbal latino: itens de vocabulário e operações morfológicas

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.2951>

Lydsson Agostinho Gonçalves¹

Paula Roberta Gabbai Armelin²

Resumo

O objetivo deste trabalho é descrever formalmente os itens que compõem parte do paradigma verbal latino (presente, pretérito imperfeito, futuro, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro perfeito da primeira e segunda conjugações na voz ativa) sob o quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), um modelo de formação sintática de palavras no qual a informação fonológica é dissociada da (morfo)sintática. Essa divisão de propriedades reduz a necessidade de duplicar entradas em casos de alomorfia, abrindo muitas possibilidades de análise para o latim, uma língua repleta de ocorrências do fenômeno. A análise combina aspectos de trabalhos anteriores desenvolvidos por Aronoff (1994) e Embick (2000, 2010, 2015) para o latim e por Calabrese (2012) para o italiano, incorporando uma variedade de operações morfológicas para descrever os itens de vocabulário dos verbos.

Palavras-chave: estrutura verbal; Morfologia Distribuída; inserção de vocabulário; operações morfológicas.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil; lydsson.goncalves@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0875-7334>

2 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil; paula.rg.armelin@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4751-2831>

Exploring Latin's verbal paradigm: vocabulary items and morphological operations

Abstract

This paper aims to formally describe the items which constitute a part of Latin's verbal paradigm (present, imperfect, future, perfect, pluperfect, and future perfect of the first and second declension in the active voice) under the framework of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), a model of syntactic word building in which phonological information is dissociated from (morpho)syntactic information. That distribution of properties reduces the need to duplicate lexical entries in cases of allomorphy, which opens many possibilities of analysis for Latin, a language that is full of instantiations of the phenomenon. The analysis combines aspects previously developed in Aronoff (1994) and Embick (2000, 2010, 2015) for Latin and in Calabrese (2012) for Italian and incorporates a variety of morphological operations to describe the vocabulary items of the verbs.

Keywords: Verb structure; Distributed Morphology; vocabulary insertion; morphological operations.

Introdução

O latim é uma língua constantemente citada em trabalhos de análise linguística, graças à sua tendência de realizar fonologicamente muitas das suas propriedades morfossintáticas, o que possibilita ao pesquisador tirar conclusões embasadas para os fenômenos analisados e expandi-las para outras línguas, que possuam menos marcações explícitas. De particular interesse é o seu sistema verbal, que possui três tempos, dois aspectos, três modos e duas vozes, todos marcados morfologicamente de maneira explícita. Uma rápida comparação entre algumas formas verbais permite identificar, aparentemente sem grandes dificuldades, qual parte corresponde a qual informação, como o exemplo abaixo, baseado nas definições da gramática tradicional latina (FARIA, 1958), demonstra:

Quadro 1. Decomposição tradicional de algumas formas dos verbos *amō* / "amar" e *deleō* / "aniquilar"

Forma		Decomposição					
		raiz	vogal temática	tempo/ aspecto		número/ pessoa	
<i>amābam</i>	"eu amava"	<i>am</i>	<i>ā</i>	<i>ba</i>	pretérito imperfeito	<i>m</i>	1ª singular
<i>amābās</i>	"tu amavas"			<i>bi</i>		futuro	<i>s</i>
<i>amābis</i>	"tu amarás"				<i>del</i>		<i>ē</i>
<i>dēlēbit</i>	"ele aniquilará"	pretérito perfeito	<i>mus</i>	1ª plural			
<i>dēlēuit</i>	"ele aniquilou"						
<i>dēlēuimus</i>	"nós aniquilamos"						

Fonte: Elaboração própria

A segmentação acima não se baseia em uma teoria linguística, mas sim na tradição gramatical, e por isso será bastante modificada ao longo deste trabalho. Todavia, a princípio, ela parece fazer previsões razoáveis. A análise só se complica à medida em que mais dados são adicionados. Por exemplo, a 2ª pessoa singular se realiza não como -s, mas como -stī no pretérito perfeito. Esse tipo de variação, em que um mesmo conjunto de informações morfossintáticas se realiza de maneiras diferentes a depender do ambiente em que se localiza, é conhecido como alomorfia, e é um tópico de constante debate.

O problema das alomorfias não é descrever sua distribuição superficial, pois, em muitos casos, é possível fazê-lo de maneira simples. Por exemplo, pode-se estipular que o morfema *default* de 2ª pessoa singular em latim é -s, mas que, apenas nos contextos de pretérito perfeito, será -stī, o que captura perfeitamente os dados, mas diz pouco sobre como essa informação é armazenada no léxico do falante. Numa abordagem lexicalista, a intuição geral seria que o falante armazena um objeto -s que é 2ª pessoa singular e outro objeto -stī que é 2ª pessoa singular no perfeito. Isso parece pouco econômico, uma vez que boa parte das informações se repete. Um modelo que oferece uma saída alternativa é a Morfologia Distribuída, ou MD (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997).

A MD tem como proposta geral um sistema sintático de construção de palavras; dessa forma, nada é armazenado “pronto”, sendo construído ao longo da derivação. Outra base do modelo é conhecida como *inserção tardia da fonologia*, isto é, a ideia de que os elementos manipulados pela sintaxe não possuem fonologia inata, sendo ela adicionada posteriormente³. Isso é eficaz para se evitar a duplicação de itens, pois a associação entre forma/som e sentido, que tradicionalmente caracteriza os elementos morfológicos, não é uma propriedade natural deles, mas sim o resultado de diversos processos.

A capacidade de segmentar o sistema linguístico, associada à economia que isso gera, faz da MD uma ferramenta ideal para uma análise mais aprofundada da composição de uma língua. Com relação ao latim, a variedade de fenômenos identificáveis na língua faz com que ela seja citada frequentemente para ilustrar propostas ou operações do modelo (cf. CALABRESE, 2012; EMBICK, 2015; entre outros). Em geral, todavia, são feitos recortes para fundamentar outras análises, não sendo o latim em si o foco de estudo. Este trabalho vem preencher parte dessa lacuna, com uma descrição do paradigma verbal latino desenvolvida tendo essa língua em mente. A estruturação do trabalho se inspira em investigações anteriores, como as vistas em Calabrese (2012) para o italiano e em Bassani e Lunguinho (2011) para o português, que também empreenderam uma segmentação de parte do paradigma verbal dessas línguas. Devido às restrições de

3 Embora isso seja essencialmente consensual para itens funcionais, há um forte debate quando se trata das raízes, e nem todos os autores concordam que elas também devem ser privadas de fonologia inata. Neste trabalho, vamos nos ater à proposta geral de reduzir ao máximo o conteúdo armazenado previamente e, portanto, assumiremos uma visão de raiz sem fonologia.

espaço, limitamos a análise às formas mais regulares: os verbos do modo indicativo – presente, passado, futuro, pretérito perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito – na voz ativa e somente na primeira e segunda conjugações.

Morfologia Distribuída: contextualização e propriedades fundamentais

A Morfologia Distribuída (MD) se situa na vertente não lexicalista dos estudos linguísticos, propondo uma ruptura com a visão de léxico como um componente de formação/armazenamento de palavras. Na MD, as funções outrora atribuídas ao léxico são distribuídas pela derivação, e a sintaxe passa a ser o único componente gerativo do sistema. Assim, ela é responsável não apenas por formar sentenças, mas também palavras. Nessa distribuição, a MD postula a existência de três listas: a *lista 1* serve de *input* para a sintaxe e contém apenas os primitivos do sistema: raízes e traços morfossintáticos. Certas combinações desses traços morfossintáticos são chamadas de *categorizadores* e são responsáveis por determinar a categoria gramatical daquela construção. Sua existência se justifica pela observação de que uma mesma raiz pode, muitas vezes, realizar-se em mais de uma classe; a *lista 2*, ou *vocabulário*, é o conjunto de todas as peças fonológicas de determinada língua, bem como as instruções para o seu pareamento com os traços oriundos da sintaxe. Essa associação entre fonologia e traços é chamada de *item de vocabulário* (IV). Cada IV é relacionado a um nó terminal da estrutura gerada pela sintaxe por meio do processo chamado de *inserção de vocabulário*; por fim, a *lista 3*, ou *enciclopédia*, armazena informação extralinguística, ou seja, aquela semântica que não pode ser derivada a partir da sintaxe⁴.

Na MD, após a manipulação de traços morfossintáticos na sintaxe, a estrutura é enviada para as interfaces de PF (*phonological form*/"forma fonológica") e LF (*logical form*/"forma lógica"), onde ocorre a atribuição de fonologia e sentido, respectivamente. Esse processo é conhecido como *spell-out*. A inserção de vocabulário, então, ocorre após a derivação sintática, no ramo de PF, e é regida por um mecanismo conhecido como *princípio do subconjunto*. Esse princípio determina que os IVs competem pela inserção nos nós sintáticos e vencerá aquele que contiver todos ou a maior quantidade de traços compatíveis com aqueles especificados na sintaxe. O princípio do subconjunto é essencial para a redução do custo de armazenamento de itens sincréticos, pois deixa de ser necessário listá-los mais de uma vez; simplesmente pode-se dizer que há um único item subespecificado, o que o torna elegível para uma variedade de contextos morfossintáticos. Alomorfas também são explicadas de maneira mais econômica sob o princípio do subconjunto: tomando o exemplo de *-s* e *-stī* citado acima, ambos são realizações dos mesmos traços de número e pessoa, porém *-stī* possui uma instrução de inserção adicional: o contexto de perfeito.

4 Para uma exposição mais detalhada do modelo, bem como uma representação visual da sua proposta de derivação, remetemos o autor a Harley e Noyer (1999).

Outro ponto fundamental do modelo para as análises desenvolvidas neste trabalho é que ele possui um componente adicional chamado *morfologia*, que se localiza no ramo de PF. Quando necessário, esse componente promove ajustes para que a derivação seja bem-sucedida (atendendo a condições de boa formação da língua, por exemplo). Sua atuação é limitada, com algumas poucas operações aplicadas em contextos específicos, mas que serão essenciais para a análise delineada neste trabalho. Tendo estabelecido esse conhecimento geral do modelo, a próxima seção caracterizará o sistema verbal latino.

Pressupostos gerais para a derivação verbal

Em um modelo decomposicional como a MD, um verbo é uma estrutura complexa formada a partir da combinação de vários núcleos sintáticos. Neste trabalho, propõe-se que esses núcleos são *raiz*, *v*, *Voice*, *Asp* e *T*.

Quanto à raiz, seguiremos a proposta de Harley (2014), que as individualiza por meio de índices, com base na percepção de que, por não terem traços morfossintáticos, elas não devem participar da inserção de vocabulário exatamente da mesma maneira que outros objetos sintáticos. O índice permite manter sua individualidade sem necessitar de fonologia ou semântica prévias. Também se assume que as raízes não tomam argumentos, devendo fazer seu primeiro *merge*, necessariamente, com um categorizador.

O próximo elemento da derivação é o categorizador *v*, responsável por estabelecer que a raiz se realizará como um verbo. Se a raiz não toma argumentos, o categorizador tem também a função de introduzir o argumento interno. Ainda que alguns autores, como Marantz (1997), atribuam a *v* também a função de introduzir o argumento externo, é bastante aceito na literatura, desde Kratzer (1996), que esse argumento deve fazer parte de uma camada à parte, mais alta na estrutura sintática, devido às propriedades específicas do seu comportamento, como uma maior resistência a interpretações não composicionais, em expressões idiomáticas, por exemplo⁵. Assim, adota-se o núcleo *Voice* de Kratzer (1996) para a introdução do argumento externo, formando uma estrutura verbal tripartida, dividida em *raiz*, *v* e *Voice*, como em Harley (2013, 2014).

Essa estrutura tripartida precisa ser discutida com relação às previsões feitas pela proposta de derivação por fases, amplamente difundida desde as considerações iniciais de Chomsky a respeito. A ideia geral é que a estrutura sintática não é enviada para *spell-out* de uma vez só, mas sim por partes, as chamadas fases, desencadeadas por núcleos específicos, chamados de “núcleos cíclicos”. Marantz (2001) identifica, no nível da palavra, os categorizadores como núcleos cíclicos; ao mesmo tempo, o núcleo introdutor do

5 Os autores que atribuem a *v* a função de introduzir o argumento externo geralmente trabalham com a hipótese de que raízes podem tomar argumentos diretamente, então *v* não precisa fazer isso. Dessa maneira, a separação do argumento externo é mantida.

argumento externo, no nível da sentença, também é frequentemente identificado como tal, devido às observações relacionadas ao seu comportamento. Portanto, numa estrutura em que *v* é responsável pela categorização e *Voice* introduz o argumento externo, como a nossa, haveria dois núcleos de fase. Isso acarreta consequências importantes para as possibilidades de interação entre os nós da estrutura sintática.

Em propostas mais recentes, o que se defende mais comumente sobre fases é que a entrada de que um núcleo cíclico desencadeia o *spell-out* do domínio cíclico anterior (EMBICK, 2010). Na estrutura verbal adotada neste trabalho, *v* seria o primeiro núcleo cíclico e *Voice* seria o segundo. Assim, a entrada de *Voice* enviaria a raiz e *v* para *spell-out*, tornando-os inacessíveis para quaisquer processos posteriores. Essa configuração é muito restritiva para os dados do latim, visto que alguns efeitos morfofonológicos não podem ser derivados sob ela. Marantz (2013) sugere que *Voice* e *v* podem compor uma única unidade de fase, com base exatamente em observações de que sua separação faz previsões incorretas. Harley (2013), na defesa de uma estrutura verbal tripla, afirma que as limitações do argumento externo não são necessariamente impostas por uma fase, mas sim pelo fato de que ele é mais alto e, portanto, precisa lidar com mais material para obter uma interpretação idiomática, por exemplo. A autora define então que a primeira fase deve ser *Voice*, não *v*. Adotaremos uma postura intermediária, assumindo, como Marantz (2013), que a primeira fronteira de fase é *Voice + v*, com base no fato de que nem todo núcleo verbal contém *Voice*, algo que Harley (2013) não explora. Isso pode ser capturado postulando que *Voice* faz parte da projeção estendida de *v*, o que amplia sua fase quando ele precisa ser projetado. Quando *v* não projeta *Voice*, encerra uma fase; se *v* exige *Voice*, ela se estende a *Voice*⁶. Assim, como é apenas o segundo núcleo cíclico que desencadeia o primeiro *spell-out*, todo o complexo verbal, da raiz a T, será enviado junto (todos fazem parte do domínio cíclico de *Voice + v*). Assim, nossa estrutura tem apenas uma fase.

Os últimos dois núcleos são Asp e T: Asp é responsável por codificar a informação aspectual e T a informação de tempo. Assumimos que Asp é posicionado abaixo de T, o que é motivado empiricamente com base na ordem dos morfemas em latim e outras línguas românicas. Um outro pressuposto teórico importante adotado neste trabalho tem a ver com a peça morfológica conhecida como vogal temática – VT. Tradicionalmente, quando se fala em VT em contextos verbais, a associação imediata é com a vogal que segue a raiz do verbo. Todavia, uma proposta introduzida por Oltra-Massuet (1999) e que tem sido utilizada em análises do latim (EMBICK, 2000, 2010, 2015) é a de que todo núcleo funcional possui uma vogal temática. Isso permite um recorte mais fino dos morfemas.

6 A necessidade ou não de projeção de *Voice* se relaciona a diversos fatores que não podem ser explorados no escopo deste trabalho. Como ponto principal, porém, destacamos a classificação do evento de acordo com sua espontaneidade, como previsto em Alexiadou *et al.* (2006): eventos de baixa espontaneidade exigem um argumento externo para expressar sua causa, exigindo, como consequente, *Voice*. Para uma caracterização mais detalhada, cf. Alexiadou *et al.* (2006).

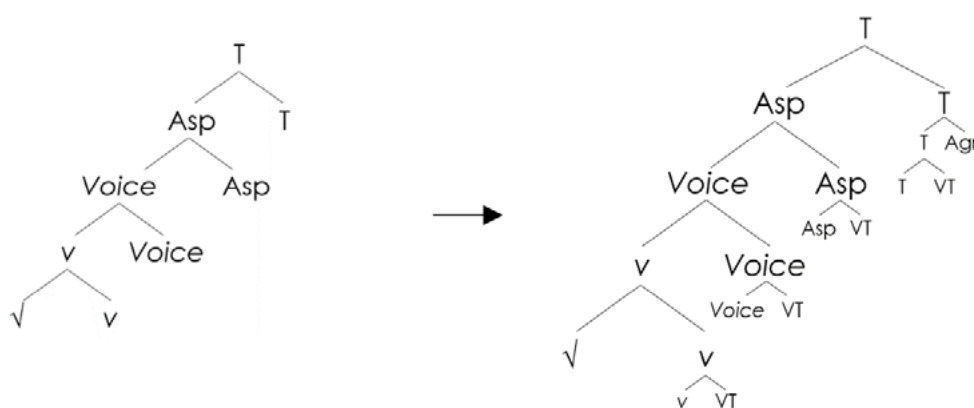
Ressalta-se, ainda, que, uma vez que a VT é inserida nos núcleos funcionais, a primeira VT da estrutura não se liga à raiz propriamente dita, mas sim ao categorizador *v*. Como na maior parte das formas analisadas neste trabalho o *v* não tem realização morfológica, a VT se realiza linearmente após a raiz.

Deve-se notar que na estrutura delineada acima não há nós sintáticos específicos para VTs. Assume-se que esse tipo de morfema não faz parte da representação sintática do verbo, mas sim que é adicionado posteriormente, no componente morfológico. Como esse procedimento ocorre no ramo de PF, não é visto por LF (uma vez que o *spell-out* divide o restante da derivação em dois caminhos paralelos) e, logo, não é interpretado – de fato, as VTs não o são; sua presença parece ser apenas uma exigência dessa língua, possivelmente relacionada a condições de boa formação – Aronoff (1994) sugere que é um dispositivo para garantir uma ordem CV. Também é assim que os sufixos de número/pessoa são adicionados, via inserção pós-sintática de um nó *Agr* (*agreement*).

Descrivendo os paradigmas verbais do latim

A estrutura descrita na seção anterior servirá de base para todas as análises deste trabalho, sofrendo apenas alguns ajustes quando necessário. Seguem duas representações arbóreas da estrutura proposta, com a formação sintática à esquerda e após as operações morfológicas à direita (as posições argumentais, abertas por *v* e *Voice*, foram omitidas, pois o interesse é estritamente o verbo; a raiz é representada pelo símbolo \checkmark):

Figura 1. Estruturas sintáticas (esquerda) e morfológica (direita) do verbo



Fonte: Elaboração própria

A inserção de vocabulário atua aplicando conteúdo fonológico a cada nó terminal, via busca por IVs especificados para os traços presentes neles. Assumimos que a raiz também recebe fonologia nesse momento, mas determinada pelo seu índice.

Antes de proceder à análise dos IVs propriamente ditos, é importante estabelecer quais traços podem ser gerados ao longo da estrutura sintática, já que eles guiarão a busca pelos expoentes mais adequados no vocabulário.

As possibilidades da composição de traços

Começando da parte mais interna da estrutura sintática, a raiz, como estabelecido nas seções anteriores, possui uma identidade única, codificada por um índice. O primeiro núcleo sintático da derivação é *v*, cuja realização é sempre, nos dados em análise neste trabalho, Ø⁷. Seguindo Oltra-Massuet (1999), o núcleo de VT é concatenado ao *v*, assim como a todos os núcleos funcionais posteriores. No caso da primeira VT, como o *v* é fonologicamente nulo, raiz e VT estarão não estruturalmente, mas linearmente adjacentes, existindo, então, a possibilidade de interação morfofonológica entre eles, o que explica, por exemplo, a relação entre a classe conjugacional, uma propriedade da raiz (EMBICK, 2010, 2015), e a escolha da VT. Há cinco conjugações no latim; como abordaremos apenas as duas primeiras, marcaremos a segunda como II, e a primeira será não marcada.

Aqui cabe uma observação com relação a como serão tratadas as especificações das propriedades da língua: adota-se a ideia de que sempre há uma possibilidade de configuração não marcada. No caso da classe temática, isso significa dizer que não há necessidade de postular um diacrítico I; essa é a classe verbal padrão, e as outras se definem por oposição a ela. Isso encontra respaldo empírico, uma vez que a maior parte dos verbos latinos pertence a essa conjugação, ela é a mais regular e quase sempre abarcava verbos novos que eram criados ou vinham para a língua via empréstimo (FARIA, 1958). Reduzir o número de primitivos assim torna o sistema mais leve, uma vez que os mesmos resultados são alcançados com menos recursos.

O núcleo *Voice* tem a função de introduzir o argumento externo, quando ele existe, o que corresponde à configuração sintática que a gramática tradicionalmente chama de voz ativa. Quando o núcleo *Voice* não é capaz de introduzir argumento externo, considera-se que a estrutura gerada será a de uma voz passiva. No nosso trabalho, abordaremos apenas as construções ativas, e o *Voice* presente nelas, como *v*, não possui expoente fonológico.

O núcleo *Asp*, por sua vez, codifica a informação de aspecto. Em latim, trabalha-se com duas noções desse tipo, o *īnfectum* e o *perfectum*, que correspondem, grosso modo, ao “imperfeito” e ao “perfeito” do português. Novamente em consonância com Embick (2000, 2010, 2015), assume-se que apenas o *perfectum*, que é mais marcado, é codificado via

7 Há alguns categorizadores verbais que possuem fonologia em latim, como *-sc* e *-ur*, mas, como nos limitamos às formas mais regulares, eles não serão abordados.

traço – no caso, [perf] – e que o *īnfectum* é o resultado da ausência de traço de aspecto. Mais ainda, pode-se postular que o núcleo Asp só é inserido na estrutura quando o aspecto é o *perfectum*; no *īnfectum*, T virá imediatamente após *Voice*.

Já o núcleo T representa o tempo verbal, que, em latim, pode ser presente, passado ou futuro. Desta vez nos distanciaremos das propostas de Embick, que codificam passado como [past], futuro como [fut] e presente ora como [pres] (EMBICK, 2010), ora como [-past] (EMBICK, 2015), pois usá-las entraria em conflito com a proposta de economia baseada em ausência como interpretação não marcada. Recuperaremos a caracterização formal de tempo de Reichenbach (1947), que propõe três propriedades cujas combinações acarretam diferentes interpretações: *S* (*speech time*/"tempo de enunciação"), *E* (*event time*/"tempo do evento") e *R* (*reference time*/"tempo de referência"). Enquanto os dois primeiros são mais objetivos, o terceiro é menos evidente e, segundo Medeiros (2008, p. 52), "serve principalmente para dar conta dos tempos perfeitos". Se, como propôs o autor, essas propriedades são noções primitivas, podem ser representadas no sistema linguístico por traços. *R*, portanto, seria o nosso [perf], enquanto *S* e *E* seriam traços de T. A questão é como eles se organizam. Apresentamos a seguinte proposta, que, apenas para usar uma notação mais transparente, implementará um traço [enunc] para *S* e um [event] para *E*: a interpretação de futuro resulta da combinação de [enunc] e [event], já que esse período de tempo inclui tanto o momento da fala quanto o do próprio evento ao qual se refere; [event] sozinho gera a interpretação de passado, que não inclui o momento da fala, mas o do evento sim; e o presente é a ausência de traços, ou não marcado.

O núcleo T, como *Voice*, precisa ser concatenado mesmo sem um traço formal, pois desempenha outras funções, relacionadas à atribuição de caso e à identificação do sujeito sintático. A T também se concatena, na morfologia, o nó Agr. O latim possui três pessoas (1ª, 2ª e 3ª) e dois números (singular e plural). Para número, assumimos o singular como não marcado e o plural como [pl]. Para pessoa, será implementada uma versão modificada da proposta de caracterização de pessoas verbais de Halle (2000), com uma combinação dos traços [+aut] ("autor do ato de fala") e [+part] ("participante do ato de fala"): a 1ª pessoa é definida como [aut, part], a 2ª como [part] e a 3ª é a não marcada – por não ser nem autor, nem participante do ato de fala⁸.

Tendo isso estabelecido, o quadro abaixo sintetiza as combinações possíveis⁹:

8 A proposta original de Halle (2000) utiliza traços binários, de modo que a 1ª pessoa é marcada como [+aut, +part], a 2ª pessoa como [-aut, +part] e a 3ª como [-aut, -part].

9 O título "interpretação" da terceira coluna é apenas uma convenção, uma vez que os nós pós-sintáticos (VT e Agr) não são semanticamente interpretados.

Quadro 2. Configuração sintática e morfológica do verbo latino

Nó	Configuração	Interpretação	Nó	Configuração	Interpretação
√	√	1ª conjugação	T	T	presente
	√II	2ª conjugação		T[event]	passado
v	v	verbo		T[event, enunc]	futuro
VT	VT	vogal temática	Agr	Número	
<i>Voice</i>	<i>Voice</i>	voz ativa			[pl]
Asp		<i>infectum</i>	Pessoa	[aut, part]	1ª pessoa
	Asp[perf]	<i>perfectum</i>		[part]	2ª pessoa
					3ª pessoa

Fonte: Elaboração própria

A partir dessas assunções, inicia-se agora o trabalho de análise e especificação dos IVs de cada configuração verbal. Para facilitar a exposição, serão usados sempre os mesmos verbos: *laudō*/ “louvar” e *monēō*/ “avisar”, da primeira e segunda conjugação, respectivamente.

Tempos do *infectum*: presente, passado e futuro

O quadro a seguir mostra a conjugação dos verbos selecionados nos tempos do *infectum*: presente do indicativo, pretérito imperfeito e futuro.

Quadro 3. Presente do indicativo, pretérito imperfeito e futuro

presente		imperfeito		futuro	
I	II	I	II	I	II
<i>laudō</i>	<i>monēō</i>	<i>laudābam</i>	<i>monēbam</i>	<i>laudābō</i>	<i>monēbō</i>
<i>laudās</i>	<i>monēs</i>	<i>laudābās</i>	<i>monēbās</i>	<i>laudābis</i>	<i>monēbis</i>
<i>laudat</i>	<i>monet</i>	<i>laudābat</i>	<i>monēbat</i>	<i>laudābit</i>	<i>monēbit</i>
<i>laudāmus</i>	<i>monēmus</i>	<i>laudābāmus</i>	<i>monēbāmus</i>	<i>laudābimus</i>	<i>monēbimus</i>
<i>laudātis</i>	<i>monētis</i>	<i>laudābātis</i>	<i>monēbātis</i>	<i>laudābitis</i>	<i>monēbitis</i>
<i>laudant</i>	<i>monent</i>	<i>laudābant</i>	<i>monēbant</i>	<i>laudābunt</i>	<i>monēbunt</i>

Fonte: Elaboração própria

Deixando de lado as raízes, que são únicas (*laud-* e *mon-*), e o categorizador *v*, que sempre se realiza como \emptyset , o próximo objeto visto nessas formas é a vogal temática, que é *-ā* (na primeira conjugação) ou *-ē* (na segunda). Esses IVs se associam à informação de classe contida no índice de determinadas raízes. Como a primeira conjugação é a *default*, propõe-se que a VT *-ā* também o seja, enquanto *-ē* entra em raízes associadas ao tipo II. Deve-se observar que a VT apresenta alomorfias no presente.

Antes de analisar isso, porém, é preciso averiguar o restante da formação. Nesse tempo verbal, há apenas mais um morfema após a VT, que é a desinência de número/pessoa (a realização de Agr). Estabelecemos anteriormente que Asp só é concatenado no *perfectum*, portanto, não era esperado um expoente para ele. Todavia, ainda faltam *Voice* e sua VT e T e sua VT. Quanto a *Voice*, é bastante comum que sua versão ativa se realize como \emptyset (EMBICK, 2000, 2015). Em latim, nunca há VTs após núcleos fonologicamente nulos, exceto categorizadores. Como ela deve ser um dispositivo de manutenção da sequência CV, proporemos que, quando o núcleo não possui fonologia, a operação de adição de nós não é ativada. A regra não se aplica aos categorizadores porque eles se ligam à raiz; como a inserção de vocabulário acontece de dentro para fora, mesmo *v* sendo nulo, a morfologia pode “ver” que há um elemento anterior com fonologia (e terminado em consoante) e adiciona o nó de VT. A mesma explicação pode ser estendida a T: esse núcleo não se realiza com fonologia, e por isso a posição VT também não é aberta¹⁰.

No imperfeito e no futuro, T se realiza como *-b*. Dessa maneira, esse IV precisa ser subespecificado de modo a se encaixar nas duas configurações. Como tanto o passado quanto o futuro compartilham o traço [event], *-b* será listado como fazendo referência apenas a ele, o que é suficiente para licenciá-lo nos dois tempos em questão, mas não no presente, cuja formação sintática é sem traços. O núcleo T tem sua VT preenchida nesse caso, já que recebeu fonologia, e ela se manifesta como *-ā* no presente e *-i* no futuro. Como *-ā* é subespecificada, só é preciso associar *-i* ao traço [enunc], que existe no T do tempo futuro, mas não no do passado, gerando a distribuição correta.

Os expoentes de Agr em geral são simples. Apenas a primeira pessoa do singular no presente do imperfeito e a terceira pessoa do plural do futuro são alomórficas. Antes de começar a avaliar como elas podem ser capturadas na especificação dos IVs, vamos listar todos os itens “regulares” de Agr, bem como os dos outros nós já discutidos, de modo a facilitar uma visualização do sistema. Por completude, incluiremos também os \emptyset s de *v*, *Voice* e T. A especificação de IVs é representada com uma seta de ponta dupla: à sua esquerda, encontram-se as condições de inserção (traços entre colchetes; uma barra indica informação contextual) e à direita, o IV.

10 Embick (2010) propõe uma explicação alternativa, a de que T é deletado quando especificado como [-past], e sugere que esse processo ocorre porque a fonologia do núcleo é \emptyset , portanto PF consideraria sua presença dispensável. Como consequência, o nó Agr não pode ser concatenado a T, e o faz ao núcleo mais próximo. Essa análise é compatível com a nossa estrutura (bastaria estipular que T é deletado quando não tem traços), mas parece levemente mais custosa: a regra de Embick (2010) é ativada quando o expoente é \emptyset , o que significa dizer que o processo de inserção precisa ser ativado, inserir um \emptyset e, devido a isso, deletar o nó. Na nossa análise, a presença do \emptyset cancela a entrada de VT, na verdade reduzindo um passo da derivação.

1. Itens de vocabulário – simples.

$v \leftrightarrow \emptyset$	$[\text{part}] \leftrightarrow -s$
$\text{Voice} \leftrightarrow \emptyset$	$[\] \leftrightarrow -t$
$\text{VT} \leftrightarrow -\bar{a}$	$[\text{aut, part, pl}] \leftrightarrow -mus$
$\text{VT} / \text{II} \leftrightarrow -\bar{e}$	$[\text{part, pl}] \leftrightarrow -tis$
$\text{VT} / \text{enunc} \leftrightarrow -i$	
$\text{T} \leftrightarrow \emptyset$	
$\text{T}[\text{event}] \leftrightarrow -b$	

Avancemos agora para os itens alomórficos. As formas $-\bar{o}$ e $-m$ disputam a primeira pessoa do singular, com $-m$ vencendo a competição apenas no imperfeito. Não há configuração de traços capaz de gerar esse resultado por si só, simplesmente porque as únicas alterações entre uma estrutura e outra são os valores de T. Como o passado está contido no futuro na maneira como caracterizamos os valores de T, mas o futuro não o está no presente, não é possível estabelecer via subespecificação alguma configuração em que presente e futuro criem uma identidade (a menos que isso incluísse também o passado). A única solução parece ser algum efeito relacionado aos traços de Agr. Uma operação disponível para o componente morfológico é o *empobrecimento*, que deleta traços de um nó antes da inserção de vocabulário, fazendo com que ela não possa mais inserir um IV que outrora seria adequado àquela posição. Essa operação, aplicada a Agr, pode gerar o resultado atestado para a primeira pessoa nesses tempos. Antes disso, assumamos que os IVs $-\bar{o}$ e $-m$ possuem as seguintes instruções de informação na lista 2:

2. Itens de vocabulário – primeira pessoa do singular.

$[\text{aut}] \leftrightarrow -\bar{o}$	$[\text{aut, part}] / [\text{event}] \leftrightarrow -m$
-----------------------------------------	----------------------------------------------------------

Quanto ao empobrecimento, embora nosso escopo não permita empreender uma investigação plena acerca das condições para ativação dessa operação de maneira mais abrangente, vale mencionar que, como aponta Calabrese (2011), há uma tendência de que a sintaxe evite a realização fonológica de todos os nós de uma sequência altamente especificada. Na primeira pessoa do futuro, há dois nós que podem ser considerados muito especificados, ambos carregando (ao menos) dois traços: T[event, enunc] e Agr[aut, part]. Propõe-se que uma regra de empobrecimento entra em ação nessa situação, deletando o traço [part] de Agr. Isso faz com que $-m$ não seja mais compatível com o nó, por possuir um traço inexistente nele. A única escolha possível é $-\bar{o}$, cuja especificação é apenas [aut]. No presente, $-m$ também não pode entrar, devido à informação de contexto [event]. Essa união de subespecificação e empobrecimento gera a distribuição correta. Registramos a seguir uma sistematização formal da regra. A seta para a direita é lida como “passa a”.

3. Regra de empobrecimento – Agr.

T[event, enunc] / Agr[aut, part] → T[event, enunc] / Agr[aug]

Outra alomorfa ocorre na terceira pessoa do plural: *-nt* no presente e imperfeito e *-unt* no futuro. Essa alomorfa é mais simples de mapear; como ocorre apenas no tempo futuro, basta associá-la ao único traço que só aparece nele, ou seja, [enunc].

4. Itens de vocabulário – terceira pessoa do plural.

[p] ↔ *-nt*

[p] / [enunc] ↔ *-unt*

Para fechar o paradigma, resta apenas explicar as alomorfias da VT e por que ela desaparece em algumas formas verbais. Esses efeitos não são causados por interações morfossintáticas como os anteriores, mas sim têm a ver com as regras fonológicas da língua. Por essa razão, o que os explica são as chamadas regras de reajuste, operações que se aplicam sobre IVs já inseridos na estrutura e os ajustam para atender a condições de boa formação fonológica da língua. Elas não dependem de valores de traços, sendo limitadas somente por fronteiras de fase. Como todo o complexo verbal está na mesma fase, não há problema.

Calabrese (2012) propõe, para o italiano, que VTs são deletadas antes de sufixos iniciados por vogal. Isso parece verdade também em latim, e pode estar relacionado à função de manutenção da estrutura CV atribuída a elas por Aronoff (1994); se o próximo elemento da estrutura é uma vogal, a VT se torna redundante e ela é apagada¹¹. Isso explica por que a VT desaparece na terceira pessoa plural do futuro (ela viria seguida de *-unt*) e na primeira pessoa do singular no presente e no futuro (viria seguida de *ō*), mas não no imperfeito (em que *-ō* perde a competição e *-m* entra). A única exceção é a primeira pessoa da segunda conjugação. Os dados de Calabrese (2012) contêm algo semelhante, que o autor trata simplesmente como exceções. Vamos formalizar isso postulando que a presença do diacrítico II impede o apagamento da vogal. Cabe observar que isso não afeta a VT que é inserida em T quando ele é realizado, porque, nesse caso, o IV de T se interpõe entre a VT e a raiz, violando a condição de adjacência. Com isso, a exceção da segunda conjugação efetivamente só vale para a VT de *v*.

Resta explicar por que as VTs passam de longas a breves em certas configurações: terceira pessoa singular e plural de todas as conjugações e tempos e primeira pessoa singular do presente da segunda declinação. É sabido que o latim não permite vogais

11 A VT deve ser inserida e depois apagada, e não simplesmente não inserida como nos casos de expoente \emptyset de *Voice* e T, porque a inserção de vocabulário se dá de dentro para fora. A VT só “descobre” sua redundância quando a outra vogal chega, porque Agr é mais alto na estrutura.

longas antes de *-r*, *-m* e *-t* finais, antes *-nt* e antes de outra vogal longa, em qualquer situação (BALDI, 2002). Assim, uma regra de reajuste causou o encurtamento da vogal, já que, nessas configurações, a VT ficou seguida de *-t* final, *-nt* ou outra vogal longa.

As regras descritas acima, como discutido, fazem parte do sistema fonológico da língua e, assim como a regra de empobrecimento estabelecida anteriormente, atuarão automaticamente quando os seus contextos se formarem. (5) formaliza a implementação. O símbolo ^ indica adjacência linear (fonológica).

5. Regras de reajuste – VT.
 - a. /VT/ → /∅/ / ___ ^ VT
 - b. Se √_{||} ^ VT, (a) não se aplica
 - c. V[longa] → V[breve] / ___ ^ *-r*, *-m*, *-t*, *-nt*, V[longa]

Tempos do *perfectum*: perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito

Os três tempos do *perfectum* são o resultado da adição do nó Asp com o traço [perf] entre *Voice* e T. T passará então a se concatenar a Asp[perf]. Como existem três possibilidades de configuração para T, surgem esses três novos tempos. Devido à natureza do *perfectum* como “um *īnfectum* com algo a mais”, as mesmas regras fonológicas e morfológicas atuarão novamente, e a grande diferença entre eles será apenas os novos IVs cuja inserção será permitida pela presença do novo traço. Os paradigmas são:

Quadro 4. Pretérito perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito

perfeito		mais-que-perfeito		futuro perfeito	
I	II	I	II	I	II
<i>laudāuī</i>	<i>monuī</i>	<i>laudāueram</i>	<i>monueram</i>	<i>laudāuerō</i>	<i>monuerō</i>
<i>laudāuistī</i>	<i>monuistī</i>	<i>laudāuerās</i>	<i>monuerās</i>	<i>laudāueris</i>	<i>monueris</i>
<i>laudāuit</i>	<i>monuit</i>	<i>laudāerat</i>	<i>monuerat</i>	<i>laudāerit</i>	<i>monuerit</i>
<i>laudāuimus</i>	<i>monuimus</i>	<i>laudāuerāmus</i>	<i>monuerāmus</i>	<i>laudāuerimus</i>	<i>monuerimus</i>
<i>laudāuistis</i>	<i>monuistis</i>	<i>laudāuerātis</i>	<i>monuerātis</i>	<i>laudāueritis</i>	<i>monueritis</i>
<i>laudāuērunt</i>	<i>monuērunt</i>	<i>laudāuerant</i>	<i>monuerant</i>	<i>laudāuerint</i>	<i>monuerint</i>

Fonte: Elaboração própria

Observando esses dados, de imediato, é possível concluir que *u* é a realização de [perf], já que Asp entra na derivação após *Voice*, que é ∅. Com isso, seu expoente virá após a primeira VT. Asp possui sua própria VT, *-i*. Esse elemento é fonologicamente idêntico à VT vista no tempo futuro, mas não é possível que sejam o mesmo IV, porque é impossível mapear os contextos de inserção necessários conjuntamente: o *-i* anterior aparecia após

T apenas no futuro do *īnfectum*, e o que acabamos de encontrar vem depois de Asp em todos os tempos do *perfectum*. Não há nenhum elemento em comum. Dessa forma, assumiremos que a semelhança é acidental, ou seja, uma homofonia; há, então, outro IV *-i* no vocabulário do latim, este especificado para [perf].

Com relação a T, é possível dizer que, apesar do nome “pretérito perfeito”, não há a configuração morfossintática associada a passado nessa formação (EMBICK, 2015). Assim, a combinação do Asp de perfeito com o T de presente produz o pretérito perfeito; com o T de passado, o *mais-que-perfeito*; e com o futuro, o futuro perfeito. Isso faz muito sentido quando se observa que o funcionamento de T no *perfectum* é idêntico ao do *īnfectum*, mantendo-se \emptyset no presente e compartilhando um mesmo morfema para as outras duas configurações – nesse caso, *-er*. Para T, a única diferença entre as estruturas do *perfectum* e do *īnfectum* é a presença de [perf]; assim, sua nova realização terá as mesmas especificações que *-b*, mas com dados contextuais extras. No pretérito perfeito, como T não se realiza, sua VT também não o faz; nos outros dois tempos, as mesmas VTs que acompanhavam T no *īnfectum* reaparecem, o que era de se esperar, posto que, para esses nós, nada mudou. Naturalmente, todas as VTs sofrerão os mesmos processos de antes, sendo deletadas diante de vogais ou encurtadas diante dos contextos específicos listados em (5c). Não há necessidade de postular nenhuma regra adicional.

As desinências número-pessoais incluem alguns IVs novos apenas no pretérito perfeito. A primeira pessoa singular, a segunda singular, a segunda plural e a terceira plural são todas diferentes do *īnfectum*. Na primeira pessoa, há um *ī*, e a VT foi deletada, o que é um efeito da regra sistematizada em (5a), que também apaga a VT da terceira pessoa plural. Tal alomorfe foi inserido devido a [perf], então a especificação do seu IV será a de uma primeira pessoa ([aut, part]) com detalhamento de contexto. O mesmo raciocínio vale para *-stī* e *-stīs*, mas para as configurações de segunda pessoa singular e plural, e *-ērunt*, para a de terceira plural¹². Um detalhe é que a condição de inserção desses IVs número-pessoais marcados para [Asp] é que eles são sensíveis à adjacência linear (fonológica), ou seja, precisam de mais que apenas estar no mesmo domínio de fase que [Asp], mas sim serem linearizados seguidamente dele. Isso não significa adjacência morfológica, já que T sempre intervirá; mas, se T for \emptyset , eles podem reagir a [Asp].

Nos outros tempos, as desinências finais se comportam exatamente como as das formas paralelas no *īnfectum*. No *mais-que-perfeito*, a primeira pessoa singular é *-m*. Assim como no imperfeito, *-m* entra aqui por ser mais especificado, contendo o traço [event]; a segunda pessoa singular e a segunda plural voltam a ser *-s* e *-tis*, porque T se realizou entre Asp e Agr; como *-stī* e *-stīs* são especificadas para adjacência linear a [perf], isso as bloqueia. No futuro perfeito, *-ō* reaparece, porque, independentemente da presença de

12 É notável a semelhança entre *-ērunt* e os IVs que apareceram antes nessa posição, *-nt* e *-unt*, mas não há possibilidade de decomposição dessa peça.

Asp, a configuração propícia para (3) foi estabelecida. Assim, [part] é deletado de Agr e -m fica inelegível. O futuro perfeito é derivado de maneira natural das especificações de traços e regras já estabelecidas, sem nenhuma necessidade de ajustes.

A lista dos novos IVs que apareceram no *perfectum* é relatada em (6):

6. Itens de vocabulário – *perfectum*.
- | | | | |
|------------------|-------|-----------------------|---------|
| T[perf] | ↔ -u | [aut, part] / [perf]^ | ↔ -ō |
| VT[perf] | ↔ -i | [part] / [perf]^ | ↔ -stī |
| T[past] / [perf] | ↔ -er | [part, pl] / [perf]^ | ↔ -stis |

Um efeito novo é que a VT desaparece por completo na segunda conjugação. Isso ocorre em todos os verbos dessa classe no perfeito (ARONOFF, 1994), então vamos propor uma regra de reajuste que deleta a VT adjacente à raiz se ela for seguida do traço [perf] apenas na segunda conjugação.

Regra de reajuste – VT + [perf].

$$\sqrt{_}^{\wedge} / VT / \rightarrow \sqrt{_}^{\wedge} / \emptyset / / _{}^{\wedge} [perf]$$

Com isso, todas as formas foram devidamente cobertas pelos IVs propostos e com as regras pós-sintáticas estabelecidas como atuantes na língua.

Considerações finais

Este trabalho almejou apresentar uma descrição detalhada de parte do paradigma verbal latino. Ainda que pequena, essa fração demonstra uma grande variedade não só de itens de vocabulário, como também de efeitos de interação. A análise teve como proposta manter a sintaxe o mais enxuta possível, postulando que a ausência de especificações também é significativa. Isso promoveu a formação de um conjunto de traços diminuto, mas capaz de produzir a interpretação de seis tempos. As propostas para inserção foram baseadas nos expoentes fonológicos disponíveis e, sempre que foi necessário recorrer a operações adicionais, buscou-se motivar a escolha. Acredita-se que o trabalho cumpre o seu objetivo de servir como uma investigação aprofundada do latim tendo a própria língua como foco, deixando oportunidades abertas para abordar o restante do paradigma.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. *Phases of interpretation*, v. 91, p. 187-211, 2006.

ARONOFF, M. *Morphology by itself: Stems and inflectional classes*. Cambridge: MIT Press, 1994.

BALDI, P. *The foundations of Latin*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010.

BASSANI, I. D. S.; LUNGUINHO, M. V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel*, v. 5, p. 199-227, 2011.

CALABRESE, A. Allomorphy in the Italian passato remoto: A Distributed Morphology analysis. *Language and Information Society*, v. 18, p. 1-75, 2012.

CALABRESE, A. Investigations on markedness, syncretism and zero exponence in morphology. *Morphology*, v. 21, n. 2, p. 283-325, 2011.

EMBICK, D. *The Morpheme: A Theoretical Introduction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

EMBICK, D. *Localism versus globalism in morphology and phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.

EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin Perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass, v. 31, n. 2, p. 185-230, 1 sem. 2000.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission. *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science Series 4*, p. 125-150, 2000.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics: An Open Peer Review Journal*, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.

HARLEY, H. External arguments and the Mirror Principle: On the distinctness of Voice and v. *Lingua*, v. 125, p. 34-57, 2013.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed morphology. *Glott international*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (ed.). *Phrase structure and the lexicon*. Heidelberg: Springer Science & Business Media, 1996. p. 109-137.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. *Lingua*, v. 130, p. 152-168, 2013.

MARANTZ, A. *Words and Things*. Handout: MIT, 2001.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 4, n. 2, p.221-225, 1997.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

OLTRA-MASSUET, M. I. *On the notion of theme vowel: A new approach to Catalan verbal morphology*. 1999. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1999.

REICHENBACH, H. The tenses of verbs. In: MEISTER, J. C.; SCHERNUS, W. (ed.) *Time: From Concept to Narrative Construct: a Reader*. Berlin: Walter de Gruyter, 1947. p. 1-12.